

## Derrida e Barthes: por entre singularidades e pluralidades

Raquel Campos<sup>1</sup>

RESUMO: Através da homenagem feita por Derrida a Barthes em seu ensaio “As mortes de Roland Barthes”, o artigo pretende traçar os pontos de encontro entre os dois pensadores em meio à pluralidade de suas ideias e na singularidade das mesmas. “Essa singularidade penetrada me alcança de um golpe, me fere ou me assassina e, em princípio, parece olhar diretamente para mim. [...] A mim se dirige a singularidade absoluta do outro” (2008, p.275), como afirma Derrida em seu ensaio. Os pontos intransponíveis entre um indivíduo e outro criam as singularidades, ao mesmo tempo em que contribuem, aporeticamente, à pluralidade de caminhos, possibilidades e ideias. O aparente paradoxo entre esses dois pontos e a coexistência de ambos em um mesmo espaço serão analisados, na tentativa de encontrar consonâncias entre dois tão importantes pensadores, distintos, mas que, por vezes, trabalharam em suas respectivas obras com questões similares.

PALAVRAS-CHAVE: Derrida; Barthes; Singularidade; Pluralidade; Morte.

## Derrida and Barthes: between singularities and pluralities

ABSTRACT: Through the tribute from Derrida to Barthes in his essay “The Deaths of Roland Barthes” the article intends to draw the meeting points between both thinkers amid the pluralities of their ideas and also in their singularities. “It pierces, strikes me, wounds me, bruises me, and, first of all, seems to concern only me. [...] The absolute singularity of the other addresses itself to me” (2001, p.39), says Derrida in his essay. The insurmountable spots between an individual and other create the singularities, at the same time that they contribute, in an aporia, to the pluralities of paths, possibilities and ideas. The apparent paradox between these two and the coexistence of both in the same space will be analyzed, in an attempt to find consonances between these important thinkers, who are distinct from one another but who, at times, have worked, in their respective pieces, with similar questions.

KEYWORDS: Derrida; Barthes; Singularity; Plurality; Death.

*As mortes de Roland Barthes* foi um ensaio escrito pelo filósofo Jacques Derrida e publicado, pela primeira vez, em 1981, na revista *Poétique*, um ano após a morte de Barthes. Temos diferentes relações com os escritores. Há os que já lemos mortos, os que lemos enquanto vivos, o que possibilita, como na relação entre Derrida e Barthes, um intercâmbio, um diálogo. E há os escritores cujas mortes nós acompanhamos, nesse tipo de situação peculiar na qual nos deparamos “*ante a morte*” (DERRIDA, 2008, p. 298) de tais escritores e fazemos uma espécie de transição ao mesmo tempo em que os lemos.

Falar sobre os mortos é complicado e parece pressupor uma espécie de infidelidade intrínseca. Derrida fala sobre duas dessas infidelidades e sobre a escolha impossível entre elas. A primeira consiste em evitar ou mesmo anular as recordações do autor morto. Apenas ceder-lhe a palavra: deixá-lo falar por si, por intermédio de um terceiro, que anula, este, a própria voz. Esse tipo de conduta, no entanto, não apresenta nenhum intercâmbio real e perde qualquer possibilidade de diálogo. A segunda conduta apresentada por Derrida seria não usar nenhuma citação, nenhuma memória, nenhuma aproximação, o que incorre no risco de fazer com que o autor desapareça ainda mais, somando outra morte à sua morte, ou seja, pluralizando-a.

Continuar falando dele na solidão que advém após a morte do outro, esboçar a mínima conjectura, arriscar a mais tênue interpretação, sinto este esforço como uma injúria ou como uma ferida *in aeternum* remexida, - e, contudo, também, como um dever para com ele. (DERRIDA, 2008, p. 311)

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail para contato: [raquelbernardes@gmail.com](mailto:raquelbernardes@gmail.com).

Estando vivo, Roland Barthes não se limita e nem é reduzido ao que cada um de nós pensa sobre ele, ao que imaginamos e podemos acreditar saber ou recordar dele. Morto, porém, aumenta a ilusão de que nossas memórias, nosso suposto saber sobre ele são verdadeiros. No entanto, o silêncio ao morto também é uma injúria, uma ferida.

Quando se morre, nosso nome ainda é nosso? Qual a relação que temos com o nome de Roland Barthes se, quando chamamos, ele não pode mais responder, não pode mais nos ouvir, relutar, refutar, concordar? Evocamos, portanto, o seu nome à nossa memória, ao que imaginamos lembrar sobre ele, ao que ele é em nós? Respondemos da mesma forma, então, pelo nome de Roland Barthes e sob o nome de Roland Barthes que temos em nós mesmos? Até que ponto ele é ilusório e até que ponto ele é real?

A saída inviável, impossível, aporética é ter e não ter as duas condutas ao mesmo tempo, de uma só vez. Seria, como coloca Derrida, “corrigir uma infidelidade com outra” (DERRIDA, 2008, p. 288/9).

Essa pluralidade da morte de Roland Barthes, como já anuncia o título do ensaio de Derrida, nos traz um estranhamento. Quantas vezes ele morreu? Quantas vezes nós morreremos? Barthes viveu uma espécie de sucessão de mortes “dialéticas”, até se deparar com a “absoluta”, a “não dialética” (DERRIDA, 2008, p. 303). Experimentou, portanto, a pluralidade da morte em vida. Derrida comenta a “aceleração autobiográfica” (DERRIDA, 2008, p. 304) de Barthes, que o consumiu nos últimos anos de sua vida, em que ele, numa espécie de urgência premonitória, escreve a sua própria morte.

Ainda no ensaio, a oposição *studium/punctum*, que Barthes analisa em *A câmara clara*, é retomada por Derrida. O *studium* da fotografia, o “estudo”, é o que desperta um interesse geral por ela. A maioria das fotografias consiste apenas no *studium*, focando assim, na retórica vulgar, na banalidade, na unidade de composição. O *punctum*, por sua vez, habita no detalhe. Salta da fotografia até nossos olhos, nos atrai e nos fere. Como Derrida também coloca, é um “lance de dados” (2008, p. 277). É o acaso que não controlamos e por isso tem o poder de nos seduzir e de nos agredir. É o pungente, o que me punge, me fere e o que desestabiliza, desorganiza o *studium*, quebra a sua ordem, gera uma interrupção que me lança, espectador, aos perigos e acasos: ao desconhecido. Ao desconhecido do outro, ao desconhecido em mim.

Pelo detalhe do *punctum* (pois o *punctum* não está no geral, mas sim no detalhe) nos deparamos com uma espécie de euforia dionisíaca, que envolve a perda do controle, nos mostra aquilo que não é o foco e que sequer deveria ter sido visto. Mas foi visto e foi capaz de pungir. Despertou uma ferida, saltando da fotografia. É “um ponto de singularidade que penetra a superfície da reprodução” (DERRIDA, 2008, p. 275). É a singularidade absoluta do outro que se dirige a mim.

Quando o *punctum* para de se opor ao *studium*, ele se liberta dessa relação binária e redutora, apesar de ainda se manter heterogêneo a ele, e para de se submeter completamente ao conceito. Liberta-se dele, portanto. “Consequentemente, a relação entre os dois conceitos não é nem tautológica nem proposital, nem dialética, nem em forma alguma simétrica; é suplementar e musical (contrapontista)”, como afirma Derrida (2008, p. 317).

A decisão pelo impossível, pelo simultâneo, pelo ilógico, ou melhor, pelo analógico está presente no discurso fragmentado do ensaio de Derrida e é através desse mesmo discurso que ele coloca em prática os questionamentos resultantes daquilo que teoriza.

Daremos aqui, portanto, um salto ao impossível. Ao indecível. Ao que não se diz e não se silencia. E ao que se diz e se silencia ao mesmo tempo. A morte, ou melhor, um certo pensamento de morte, é o que dá esse salto. Foi o que lançou Barthes em uma viagem, segundo Derrida, em uma espécie de travessia para além do confinamento redutor dos saberes, da lógica, das matérias, da coerência, da positividade científica. Foi esse mesmo pensamento da morte o responsável por colocar tudo em movimento, por ritmar. Coloquemos agora Barthes como músico, dando o ritmo e compondo os movimentos de sua linguagem. Essa linguagem problemática, para ele sempre presa entre outras duas: a

expressiva e a crítica. A insatisfação, o incômodo da atitude vacilante entre as duas linguagens foi também o que afastou Barthes de todo sistema redutor, colocando-o em resistência a eles. Fez, portanto, com que ele optasse pelo impossível, pelo irreduzível.

Haroldo de Campos, em uma entrevista sobre Barthes, coloca como a obra barthesiana não pode ser definida pelos “ismos” habituais (estruturalismo, formalismo etc), pois é uma obra em que a abordagem não é ortodoxa e é uma obra que visa um tipo de escrita “cuja função já não é apenas comunicar ou exprimir, mas impor um além da linguagem” (BARTHES, 2006, p. 7), como Barthes mesmo coloca no prefácio de *O grau zero da escrita*. Haroldo divide entre dois vértices o “espírito bathesiano”: um é “sistemático, apolíneo, disfórico, do qual saem seus namoros com a ciência, as tentativas de método e rigor” (CAMPOS, 2013, p. 123) – alguns exemplos colocados por Haroldo são livros como *Elementos de Semiologia e Sistema da Moda*. O outro vértice é “a-sistemático, dionisíaco, eufórico, jubilante” (CAMPOS, 2013, p.123). É o polo preferido de Barthes, como ressalta Haroldo, e que vai dominando sua obra ao passo que o outro vai diminuindo. Desse polo dionisíaco, portanto, se propaga “a crítica-escritura” (CAMPOS, 2013, p. 123): é o gesto escritural subversivo que erotiza o significante e destrói prontamente qualquer noção de sistema e método.

As fotografias, como o próprio Barthes, também resistem a um sistema redutor. Elas captam um instante que não mais se repetirá existencialmente e que, no entanto, pode ser reproduzido tecnicamente e compartilhado à exaustão. A reprodução da imagem captada naquele momento não reproduz o momento em si, o que torna a fotografia inclassificável. Há uma interrupção, uma quebra, no instante preciso em que uma imagem é capturada, no instante da pose.

Há alguns “sujeitos” individuais, segundo Derrida, que habitam zonas e lugares indefiníveis e que conseguem explorar possibilidades e potências simultâneas e de maneira assistemática. Tais sujeitos, no entanto, não são dotados de uma autoridade exagerada ou de um poder maior: eles não *dominam* as zonas indefinidas e indefiníveis, eles as *habitam*, desfazendo-se, de certa forma, de toda e qualquer autoridade e criando, através de uma liberdade, uma relação com a própria finitude, com esse vislumbre fantasmático da morte, que sempre nos cerca. É o espectro da morte rondando os seres humanos e encurralando-os até um determinado instante: até o instante singular, não dialético, absoluto.

Voltando a um tema levemente menos sinistro, esses sujeitos habitando o indefinível, portanto, nos passam uma certa impressão de autoridade, inspirando-nos a fazer sempre e em todos os momentos a pergunta: mas o que é que ele ou ela pensam disso? Derrida não se envergonha de dizer que, para ele, Barthes foi uma dessas figuras, cuja opinião, pensamento, ideia ele gostaria de sempre questionar. Não é como se a aceitação fosse absoluta, longe disso, mas “a imagem de uma avaliação”, de “um olhar”, de “um afeto” (DERRIDA, 2008, p. 313), parece imprescindível a todos os instantes.

Para falar da breve vida de Barthes depois da morte de sua mãe, Derrida retoma um termo propriamente barthesiano, que é o da morte “inqualificável” (DERRIDA, 2008, p. 293). Uma vida, portanto, semelhante à morte. Uma morte vivida antes da morte. A vida e a morte inqualificáveis, ou seja, sem qualidade. Sua mãe, nas fotografias, permanece também “sem mostrar-se e sem ocultar-se” (DERRIDA, 2008, p. 294), nesse tipo de doce passividade de uma mulher que se mostra e se oculta simultaneamente. Essa possibilidade fragmentada de velar e revelar, mostrar e ocultar, rompe com a unidade e desorganiza todos os discursos oriundos do studium. Quebra uma coerência lógica, filosófica e teórica em que a decisão é o resultado e o pressuposto. É preciso decidir e decidir pelo possível. É a escolha entre a ausência e a presença, o aqui e o ali, o que vela e o que revela.

O que Barthes perdeu com a morte da mãe não foi uma figura de mãe, senão um ser – o ser mãe – mas também não foi apenas um ser, senão uma qualidade, uma alma. Daí sua vida enlutada, sua morte prévia ter sido inqualificável. Barthes escreve uma literatura que também se porta dessa maneira: se mostra e se oculta, vela e revela simultaneamente, em sua escritura espectral.

“Desde o princípio, em *A câmara clara*, a ‘desordem’ que introduz a fotografia é atribuída, fundamentalmente, à ‘única vez’ do referente, uma só vez que já não se deixa reproduzir ou pluralizar” (DERRIDA, 2008, p. 308): a morte é justamente esse instante impossível de ser produzido novamente ou de ser reproduzido. É sua singularidade absoluta que não a deixa pluralizar. É a morte “não dialética”, segundo Barthes, não dialetizável, ainda podemos dizer, aquela que não se reproduz.

A escrita fragmentada de Derrida está bem de acordo com a pluralidade de interesses que, para além da diversidade apenas, aponta a uma resistência, ingênua ou não, ao enquadramento, à sistematização. É a vida, a demora, a duração no desconforto. Assim que nos instauramos confortavelmente em uma disciplina, em uma teoria, em uma escola, abandonamo-la em direção a outra. E não em direção a alguma em particular, mas em direção ou ao menos visando à quebra de fronteiras entre os discursos, à ruptura da sistematização do conhecimento e da vida.

De assunto em assunto, de memória em memória, Derrida fragmenta a sua não memória de Barthes e sua resistência ao sentido e ao lugar-comum das homenagens póstumas se faz mais forte. Temos um Barthes e um Derrida fragmentados, que se mostram e se ocultam, como a mãe de Barthes nas fotografias, instaurada numa docilidade passiva que nos atrai e nos escapa. Quando acreditamos dominar alguma memória palpável de Barthes, possuir alguma certeza singular sobre seu saber, somos atravessados, feridos pelo punctum de um corte. Pela mudança abrupta e repentina que nos instaura no pleno desconforto e nos faz, acima de tudo, querer mais. Mais dessa face dionisíaca e eufórica de Barthes, mais da resistência, mais do instante que não pode ser reproduzido, como um resíduo que não vemos, que não conseguimos enxergar. Há apenas o rastro invisível, o silêncio dito, o discurso silenciado e a música em fragmentos.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DERRIDA, Jacques. “As mortes de Roland Barthes”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 7, n. 20, pp. 264 a 336. Agosto de 2008.
- \_\_\_\_\_. *The work of mourning*. Chicago: The university of Chicago press, 2001.